

# Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

| ASSIGNATURA                         | — ANNO I—26 DE JUNHO DE 1881—N.º 19 —           | ASSIGNATURA                         |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------|-------------------------------------|
| PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR          |                                                 | BRAZIL                              |
| Anno ou 52 numeros..... 25500 réis  | GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO | Anno ou 52 numeros..... 75000 réis  |
| Semestre ou 26 numeros..... 15300 » | Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º      | Semestre ou 26 numeros..... 45000 » |
| Trimestre ou 13 »..... 700 »        |                                                 | Trimestre ou 13 »..... 25000 »      |
| Avulso..... 60 »                    |                                                 | Avulso..... 200 »                   |

## SUMARIO

**Gravuras:**— Condemnado á morte; O eremita, de Gerardo Dow; Canal de Herentbals; Os jardins fluctuantes do Mexico.  
**Texto:**— Actualidades, por Pinheiro Chagas; As nossas gravuras; Dividas do coração, trad. de Passos Valente; Rosicler; Horas de ocio; Sobrezeza; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Amoro; Correspondencia.

## ACTUALIDADES

O que! estamos em junho! foi ha pouco a noite de Santo Antonio, foi ainda hontem ou ante-

hontem a noite de S. João. Esta minha chronologia refere-se ao momento em que o leitor me lê, porque no momento em que escrevo ainda não veio a noite das alcachofras, a noite bemdita do

santo precursor, mas tudo a annuncia indigna da sua velha reputação. A hora em que escrevo forra-se o firmamento de nuvens negras, ensopa-se em chuva o macadam das ruas, e a noite de S.



CONDEMNADO Á MORTE

João parece dever ter as mais completas semeanças com a noite de Natal! Pode ainda o influxo do santo desmentir as minhas prophcias, como se fossem feitas no observatorio meteorologico da Escola Polytechnica, que dá sempre seu nublado, mas não é provavel porque a noite logica em 1881 é uma noite chuvosa.

O' noites de S. João! ó noites de luar saudoso! noites de bento orvalho, onde está a fresca poesia que vos embalsamava, que rescendia nas vossas alcachofras, nas vossas singelas usanças? Apagou-se a luz das fogueiras, emmudeceram os oráculos, e a tímida donzella já não espera ansiosa, com o bochecho de agua, que uma voz distante pronuncie involuntariamente o nome querido, o nome desejado.

Noite de encantamentos, noite de mysteriosos feitiços! era mais languida a luz das estrellas, mais amoroso o canto do rouxinol, mais suave o canto nocturno, e a aurora rompia mais risonha para illuminar a turba alegre que a esperava no meio de risos e cantares.

O' Garrett, se visses o desprezo que votaram ao teu S. João

Santo e mais guapo,  
Mais garrido e brinco do kalendario,  
Santo do proprio mouro festejado,  
Cujos orvalhos bentos dão saude  
Ao corpo e alma, cuja noite amiga  
De amores e prazeres tanto encobre  
Gosto furtivo, beijo namorado,  
E o mais que vai por arraias, por festas,  
Pelas devotas margens de teus rios,  
Muito devota Elysia, quando as moças,  
Quando jovens tufes, pimpões da aldeia  
Na abençoada noite vão devotos  
Ao milagroso banho — Santo amavel  
Advogado das limpidas correntes,  
Amigo protector das frescas fontes,  
Para quem tece de gentis boninas  
Rescendente grinalda a mão mimosa  
Da donzella innocente! — Ó lindo santo,  
Qual ha hi renegado iconoclasta,  
Metaphysico, abstruso, protestante,  
Que, no ver-te assim gentil e'o surraozinho  
Pastoril de alvas pelles, e affagando  
O cordeirinho que a teus pés nem bala,  
Quem será que tal vista não converta?

E então as agouceiras alcachofras,  
Oraucos de amor, e as crepitantes  
Fogueiras! — E a torneada, fina perna,  
Que se mostra ao saltar, como a descuido.  
«Ai! mamã! que me viram quasi!... Nada...  
Não salto mais!... Um só!... um só!...» E o medo  
De crestar a orla crepida e bem franjada  
Do tafulo vestido o ergue mais alto,  
E vio-se quasi... quasi tudo agora.  
Bemdito S. João, tudo desculpas!  
Tão bom que és e sanctificas tudo!

Tapemos a cara de vergonha, ó meus contemporaneos, e desviemos os olhos d'estes versos em que está estampada a impudencia do passado. Que preferivel não é a serenidade austera do Passeio Publico illuminado, e o Gremio, e o theatro, e os cafés e todos os graves conciliabulos de uma geração naturalista.

Por isso na noite abençoada lastimou este anno o pobre santo a queda dos seus altares e a perda do seu culto! Por isso gerem as moiras encantadas, cujos encantamentos se não quebram já quando são a hora fatidica da meia-noite. Por isso suspiraram as ermas fontes, onde as fadas já se não miram, em cujas aguas bemditas já não vão donzellas buscar inalteravel formosura!

Geme, vento do inverno, que vens perturbar o sossego das frescas noites de junho! Exhale o

ultimo suspiro, suaves e poeticas illusões da nossa infancia, avesinhas do nosso alvorecer, saudosos rouxinollos cujo dulcissimo cantico nos embalava suavemente no berço! desfazei-vos em pó, tristes flores que tão meigo aroma exhaláveis! Encantador jardim onde viçavam as crenças da humanidade, consente que o scepticismo te arraze, e deixe ficar gelado e nã o chão onde brotou o roseiral!

Noite de S. João! noite serena tão propicia a amores! noite de doces vigílias e de risonhos folgares! onde está o teu condão? que fizeste á branca varinha com que dissipavas as trevas? ao sopro bemfazejo com que reverdecias as alcachofras? ao prisma encantador com que fazias nascer esplendida miragem nos copos de agua oraculares! a brisa nocturna que embalava os thuribulos das flores, onde rescendia o incenso que mais te agrada?

Vês? As flores perguntam assustadas umas ás outras se deixaste de ser o santo folgazão, o protector dos alegretes! As fontes que se esforçavam por conservar tranquillo, sereno, limpido, o espelho das suas aguas, soluçam de pezar ao sentirem enrugal-as o vento que traz a chuva. Já os ovos se não desatam em deliciosas stalactites, e as alcachofras esquecidas conservam-se negras e requeimadas, se por acaso alguém se lembra das antigas crenças! Ai! S. João, S. João, quem te despedaçou o sceptro, quem te arrancou a corôa?

Se o amor fugiu dos corações de que serve a protecção que tu lhe concedias? Para que ha-de a donzella queimar a alcachofra, se esta não lhe revela a conta de libras que o seu noivo possui? Para que ha-de estragar os ovos nas aguas propheticas, se não tem probabilidade de que os fios gelados que se formam se mudem em notas de Banco? para que ha-de ir procurar formosura no banho milagroso se o alvaide e o carmim produzem com mais segurança o desejado milagre?

Para que ha-de a lua desdobrar o seu manto de luz afim de envolver castos amores que não existem? porque ha-de as flores exhalar o seu aroma que ninguém aspira? porque ha-de gotear a noite de S. João orvalhos que ninguém recebe com alegria na fronte? porque ha-de o bondoso santo fazer prophcias que ninguém lhe pede?

Demais a esclarecida humanidade já não acolhe o innocente charlatanismo d'esto santo. O que! pois o precursor ousa, depois de figurar no cortejo celestial, usurpar a reputação de galhofeiro! Cuida que não se sabe já que, enquanto viveu, foi o austero pregador da penitencia! Protector de amores quem os não conheceu! Provocador de danças quem morreu por causa d'ellas! És tu que vens acender fogueiras, e convidar donzellas a mostrar em lubricos saltos a torneada, etc. (Vide versos de Garrett)? Tu, cuja morte servio para pagar os voluptuosos dançares do bayadere Herodiades? Se Antipas resuscitasse no tempo dos teus festejos vias-te obrigado a proporcionar-lhe por intermedio das tuas adoradas os mesmos gosos que lhe proporcionaste por intermedio da tua inimiga.

Já todos por cá sabem isso, e já ninguém se fia na tua usurpada protecção!

Julgavas que, a abrigo do teu surraozinho de alvas pelles e de teu cordão, poderias transformar o austero semblante de propheta selvagem em risonha physionomia de santo condescenden-

te? Julgavas que tu, exclusivista chefe de seita, havias de continuar a ser festejado por moiros e christãos, e que havias de continuar a ouvir cantar ainda por muito tempo a conhecida toada:

Té os moiros na Moirama  
Festejam o San-João!  
San-João, San-João, San-João  
Dai-me peras do vosso baleão.

Mas, disse-me santo embusteiro, santo risonho, por surpresa, folgazão por disfarce, como haviess vos de satisfazer este ultimo pedido:

Dai-me peras do vosso baleão?

Sabieis mesmo o que eram peras? Quem comia gafanhotos e mel silvestre podia ter na sua dispensa peras que fartassem os pedinchões dos adoradores?

Felizmente agora todos vos conhecem e teem lucrado immenso com isso! Sabem que sois o prégador do jejum, e já não vão, por consequente, em vossa honra, comprar palmitos á praça da Figueira. Sabem que sois o prégador da penitencia, e já não vão rir e folgar, como faziam d'antes, por julgarem ser do vosso agrado risos e folguedos.

Adeus pois, San-João, vae-te com o risonho cortejo que substituiu os teus severos discipulos, vae-te e não tornes! Enxuga os teus orvalhos, apaga as tuas fogueiras, calca aos pés as tuas alcachofras, despreza os que te consultam, abandona os teus altares para n'elles collocarmos a santa a quem agora adoramos e que se chama Santa Semsaboria.

PINHEIRO CHAGAS.

## AS NOSSAS GRAVURAS

CONDENADO Á MORTE. — Quem lê o titulo da estampa e vê de relance a physionomia risonha da boa velha, imagina que se acha em frente de uma verdadeira virago, de uma d'essas ferozes petroleiras que foram a vergonha e o horror da Paris do século XIX. Depois socega, o condemnado á morte é simplesmente um frango, e a boa dona de casa, endurecida pela pratica da cosinha, vae sacrificar implacavelmente o pobre animalzinho ás necessidades do *fricassé*.

O pequeno é que se não resigna tão facilmente. Era o seu predilecto o frango condemnado só pela culpa de ser mais gordo, era o que vinha mais promptamente comer o milho na sua mão, quando elle alegrava a capoeira com a distribuição do rancho matinal. Mas descancem, apesar d'aquellas lagrimas, o bom do rapazito ha-de ser o que ha-de trincar o melhor quinhão do seu amigo. É exactamente porque prevê o caso que a boa da avó se ri maliciosamente do pranto do seu querido netinho.

O estomago é e ha-de ser o eterno inimigo do coração. Segundo a legenda dantesca, espiritualmente commentada por Méry, na famosa torre da Fome, o conde Ugolino comen os filhos para os poupar á desgraça de serem orphãos, e é muito possivel que depois de regar com as suas lagrimas os pequenos immolados á sua voracidade, não deixasse de os achar tenrinhos. Na jaugada da *Medusa*, o coração fallou primeiro, os companheiros de infortunio abraçaram-se chorando, e depois... trincaram-se. Começaram por se apreciar ns aos outros debaixo do ponto de vista das

qualidades moraes, e acabaram por se apreciar debaixo do ponto de vista das qualidades gastronómicas.

Todas estas reflexões a proposito de um frango! Deus do céu, começa-se pelo frango e acaba-se pelo homem. É uma simples questão de meio. Na nossa sociedade civilisada, uma pessoa de coração sensível gosta de ver os frangos e os patos e os perus correr ao milho que se lhes deita, piar, grasnar, fazer o seu glu-glu triumphante, depois, se se lhe falla no condimento das ervilhas, do arroz ou das tubaras para esses animaesinhos, solta altos gritos, e protesta energeticamente, mas afinal de contas quando o nosso amigo nos é servido bem acrejado, escorrendo em gordura, nem já se pensa nos episodios idyllicos da capoeira, attende-se unicamente aos predicados culinarios da ave. Suba-se um pouquinho na escala, e teremos a comprehensão perfeita do cannibal engordando o prisioneiro seu semelhante para o devorar com mais appetite.

Pondo de parte as reflexões philosophicas, devemos confessar que o quadro está bem feito. A expressão do rosto da velha é admirável. Tem o sorriso indulgente e bondoso da pessoa experiente que já não tem illusões, e que está ha muito tempo habituada a considerar o frango debaixo do ponto de vista exclusivo das ervilhas. O presentimento com que o frango se debate, o choro desesperado e que já se sente que ha-de ser ephemero do pequeno, e todos os accessorios são de uma perfeição rarissima. Por isso tambem este quadro é considerado como uma das obras primas da escola moderna.

O ERMITA DE GERARDO DOW. — É este um dos quadros celebres do grande pintor hollandez, discipulo do grande Rembrandt, que viveu no século XVII. Este quadro que está no museu de Dresden é um pouco fóra do genero habitual do pintor que preferia scenas domesticas, quadros da vida real e prosaica a estas concepções da mais levantada poesia. A obra prima de Gerardo Dow é a *Mulher hydropica*. Este *Ermita* parece ser quasi uma copia de um quadro de Rembrandt. Não insistiremos por isso na obra, e fallaremos antes do auctor. Tornou-se celebre Gerardo Dow pelo maravilhoso acabamento dos seus quadros, por isso tambem levava a morosidade a um excesso espantoso e teve de se deixar de fazer retratos, porque já não encontrava quem lhe quizesse servir de modelo. Uma pobre senhora, que Gerardo Dow retratou, esteve cinco dias só para elle lhe copiar a mão. É verdade que se diz que elle levava mais tempo a beijar-lh'a do que a copiar-lh'a, mas o proprio Gerardo Dow contava que estivera tres dias a pintar um cabo de uma vasourra, e supponho que esse modelo lhe não inspiraria uma paixão igual á da senhora da mão. As precauções que elle tomava para que não caísse pó nas telas eram prodigiosas. Em todo o caso o que é certo é que lhe sahia tudo das mãos com uma perfeição tão assombrosa, que os seus quadros vistos com uma lupa ainda parecem melhor do que vistos simplesmente a olho nu.

O quadro que a nossa gravura representa foi vendido no seculo passado por 7.560\$000 réis. Hoje vale pelo menos 18 contos.

CANAL DE HERENTHALS. — É uma fresca paisagem a que a nossa gravura representa. O canal é o que liga o Mosa com o Escalda nas proximidades

de Herenthals, cidade de umas cinco mil almas que não fica muito longe de Antuerpia. O paiz por alli em geral é chato, e pouco pittoresco, mas não ha paisagens que não sejam rissonhas quando passa por ellas o elemento fecundante da agua. Com uma corrente limpida, umas arvores copadas e uma ponte elegante, está constituida desde logo uma paisagem agradável. Prova isto mais uma vez o panorama do canal de Herenthals.

OS JARDINS FLUCTUANTES DO MEXICO. — A natureza é sempre a mestra da industria. Todos sabem que no grande rio da America do Norte, o Mississippi, ha ilhas fluctuantes, que descem, cobertas de verdura e de vegetação, e encaham, e seguem, productos singulares e estranhos d'essa maravilhosa America. Pois no Mexico os habitantes fartos das longas seccas fizeram o que faz a natureza na Luiziania mais favorecida do céu, transportam a terra para os rios e alli organisam os seus jardins vigosos, frescos, cheios de verdura e de flores, que vão boiando nas aguas, que transportam para onde elles querem, que param onde lhes agrada.

É um d'esses jardins fluctuantes o que a nossa gravura representa.

D. SABINO DE GOICOECHEA

## DIVIDAS DO CORAÇÃO

TRADUÇÃO DE

J. M. PASSOS VALENTE

(Continuado de pag. 142)

E ainda mais imponente e grandioso se tornava ao observar que o chefe que commandava aquelles bravos era um joven alferes, quasi uma creança, pois não apparentava ter mais de dezeseite annos. Substituia o capitão e o tenente da companhia, mortos durante a lucta que vinham sustentando havia mais de quatro horas.

O alferes collocou-se á frente dos seus soldados, e apontando com o dedo para o exercito inimigo, que os esperava a curta distancia, na entrada da ponte de Bolueta, exclamou:

— Soldados! eis-os ali, — os cobardes! esperando atacar-nos pelas costas. Antes que isso succeda, avancemos nós contra elles. Segui-me unidos, e veremos quem se atreverá a collocar-se na nossa frente! A elles, rapazes!

A este grito, que repetido por aquelles martyres abafou por um momento o estampido do canhão, arremessou-se o mancebo com a espada em uma mão e uma pistola na outra em direcção a um corpo de exercito dez vezes superior aos seus pobres cem homens, que de perto o seguiam.

O choque foi terrivel! Na muralha de carne humana que se collocou em frente, abriu larga brecha aquelle ariete formado de pontas de aço.

Dos cem valentes que no calor do enthusiasmo se haviam arrojado com a furia de cem leões, não chegaram cinquenta a passar além da linha inimiga.

O chefe que os guiava, que, graças á pistola de dois tiros que levava na mão, tinha sahido da refrega apenas com o capote esburacado em varios sitios, conservou o sangue frio e serenidade bastantes para ver que no outro extremo da ponte estava formada outra columna inimiga, e olhando para traz viu tambem que restavam já

poucos dos seus para accommetter de frente, por muito grande que fosse o valor d'elles, contra os que os esperavam a pé firme.

Ordenou uma evolução rapida sobre o flanco esquerdo e tomou a margem do rio.

Uma descarga cerrada dizimou novamente as fileiras dos caçadores.

Não havia tempo a perder; era absolutamente necessario pôr-se ao abrigo dos tiros que os perseguiram pelos flancos e pelas costas. Eram estes tão certos, que já restavam poucos d'aquelles valentes que podessem contar d'aquella terrivel jornada.

Por fim conseguiu o alferes chegar com trinta dos seus a um baixo da vereda que seguiam, onde, por se acharem a coberto dos tiros do inimigo, puderam descansar uns minutos e tomar alento para de novo continuarem a marcha em direcção a Bilbao.

Tinha já o alferes formado a sua pequena força e dispunha-se a partir, quando repentinamente se achou rodeado por uma columna inimiga, que parecia ter sahido do chão.

— Rendam-se ou morrem!

A estas palavras proferidas pelo chefe da columna carlista, os soldados isabelinos deitaram a fugir em todas as direcções, lançando-se grande parte ao rio, preferindo uma morte certa á vergonha de se renderem.

O alferes, que tinha já substituido a sua pistola descarregada por outra carregada até á boca, respondeu áquelle grito com um tiro á queima-roupa contra o primeiro inimigo que vio na sua frente.

Aquelle tiro, disparado no momento em que não podia esperar-se nem a mais leve resistencia obteve como resposta uma descarga, e duas balas foram atravessar um braço e a coxa do alferes, obrigando-o a morder a terra.

Não tinha ainda acabado de cahir o joven official, quando um granadeiro de estatura gigantesca e de forças herculeas arremeteu contra elle de bayoneta calada e espetando-lh'a na coxa, levantou-o n'ella ao ar atirando-o a grande altura, acabando por cahir no rio.

No momento em que o alferes cahia no Ibaizabal com o rosto voltado para o inimigo, como se ainda de longe o quizesse desafiar, um joven sargento carlista que havia presenciado como todos os seus as voltas que elle havia dado no ar, arremessou repentinamente a espingarda ao chão, despio quasi ao mesmo tempo o capote, ergueu os olhos ao céu e exclamou:

— Ó minha mãe, protege-me! e lançou-se ao rio de cabeça para baixo.

Enquanto os soldados carlistas, sem comprehenderem a acção do sargento, seguiam com a vista todos os seus movimentos, nadava este tão bem e tão vigorosamente em direcção ao sitio em que o alferes isabelino se tinha submergido, que em poucos segundos se achou junto d'elle.

N'aquelle momento apparecia á flor d'agua a cabeça do official; quando porém o sargento ia para lhe deitar a mão, desapareceu de novo.

Mergulhou o sargento como o poderia fazer um peixe, e um minuto depois apparecia fóra d'agua uma das mãos d'elle suspendendo a cabeça do official, e acto continuo appareceu a do carlista.

Apesar porém aquelle tomou algum alento, recolhendo as forças perdidas no fundo do rio, agarrou-se com ambas as mãos ao pescoço do carlista e desapareceram ambos da vista dos

circunstantes attonitos, que eram todos os companheiros do sargento.

Passou-se um grande espaço de tempo sem que a superfície das aguas apresentasse nem o mais pequeno movimento, que desse a conhecer o ponto em que se estava passando aquella luta de morte; e quando todas as vistas estavam fixas no sitio, em que os combatentes se haviam submergido a ultima vez, surgiu o sargento a curta dis-

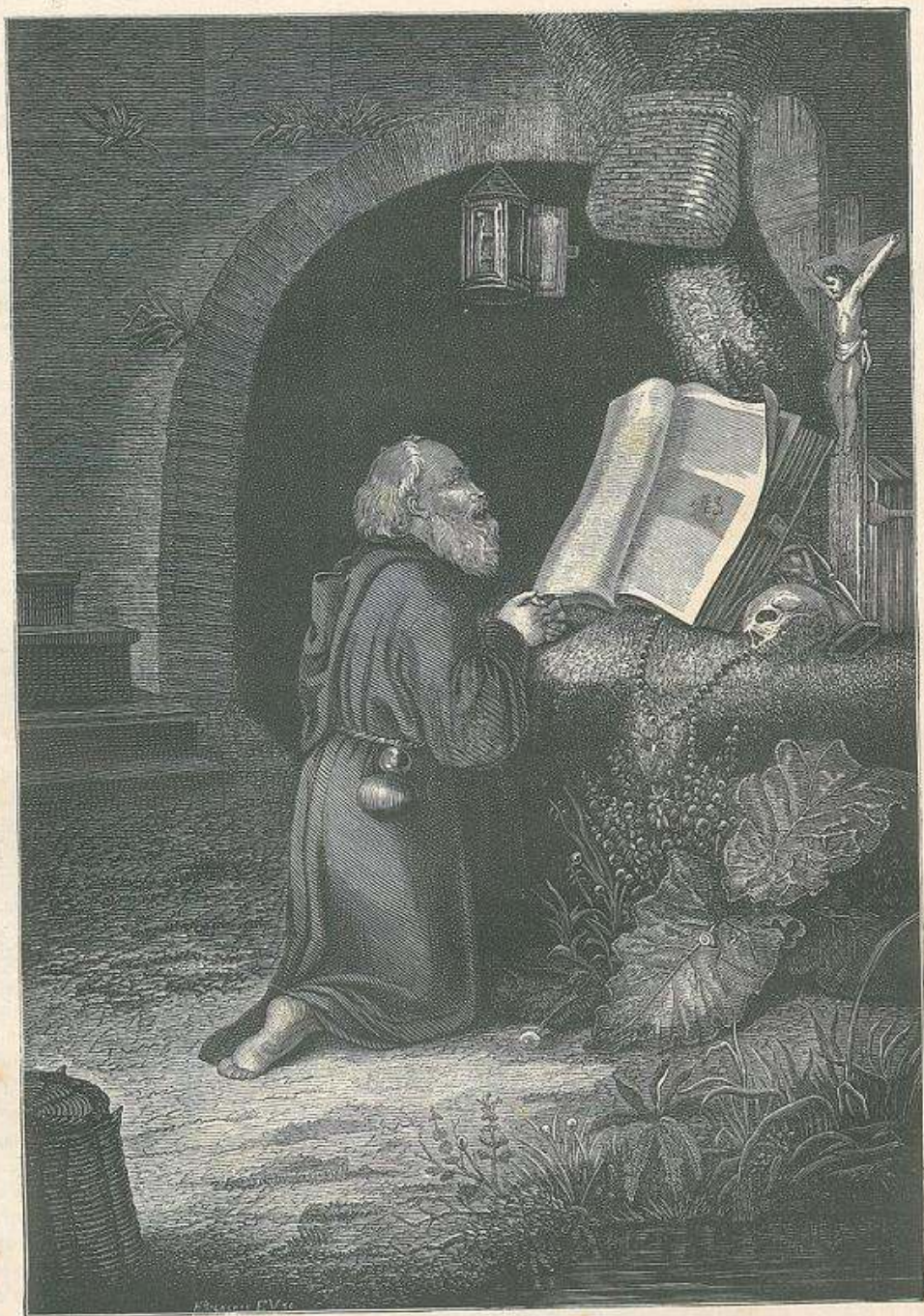
cer o motivo que tinha levado o carlista a ir em soccorro do isabelino.

Chegaram ambos a terra, ou antes chegou o sargento arrastando atraz de si o official, livido, vertendo sangue em abundancia pelas feridas, e aparentemente morto.

Demorou-se um instante o carlista contemplando-o, collocou em seguida a mão sobre o coração do que jazia estendido no chão, e retiran-

cias d'uma traição, achava-se já elle longe do alcance das balas que lhe enviassem, e quasi fóra do alcance de vista.

Corria o carlista sem descansar, atravessando pelo meio dos soldados isabelinos, que, derrotados e em debandada fugiam em darem pelo sargento, pois além de que nada tinha de extraordinario o levar ás costas um ferido, ali em que eram tantos os feridos transportados aos hombros dos seus



O ERMITA, DE GERARDO DOW

tancia da margem opposta do rio levando o alferes agarrado pelo pescoço com a mão esquerda, enquanto que com a direita nadava desembarcadamente para terra.

Durante a scena que acabava de ter logar, não se ouviu nem um juramento, nem uma voz, nem um grito, nada enfim que pudesse dar a conhe-

do-a precipitadamente, agarrou n'elle aos hombros, deitando a correr com a maior rapidez, como se não levasse tão pesada carga, em direcção a Bilbao.

Todos quantos presenciavam esta scena ficaram attonitos, e quando lhes veio á idéa que o comportamento do sargento tinha todas as apparen-

camaradas, o joven carlista ia em mangas de camisa e com a cabeça descoberta, não havendo por conseguinte quem pudesse suspeitar d'elle com fundamento.

Chegou assim a Bilbao arquejando, molhado dos pés á cabeça, e suando não obstante por todos os poros. Sem deter-se mais que o tempo.

preciso para perguntar onde ficava situado o hospital, entrou n'este pedindo com desembaraço, e até em tom de ordem, uma cama onde podesse depôr o ferido.

Deram-lh'a e poz-se a despir o official, zangando-se com todos os que não trabalhavam á medida dos seus desejos.

Sentou-se em seguida á cabeceira do que mais parecia um cadaver, e quando chegaram os me-

que a rasgou por fórma a poder-se extrahir a bala sem difficuldade.

A ferida do braço não tinha offendido osso algum.

Quanto ao estado geral, o sangue, que em abundancia o official tinha derramado, contribuiu em muito para não ter logar a asphyxia.

N'uma palavra, o estado do ferido, se bem que grave, não era desesperado, e salvo um accesso

.....  
Ao cahir da tarde do dia 21 de setembro achava-se um mancebo vestido com o capote pardo dos soldados carlistas ajoelhado junto de uma singella cruz de madeira, cravada no chão, no cemiterio de Averniz.

— Mãe! exclamava elle com os olhos arrasados de lagrimas, regosija-te, mãe; está paga a *divida de coração* que tu e eu contrahimos ha nove mezes.



CANAL DE HERENTHALS

dicos e examinaram as feridas e o estado geral do doente, escutou com a mais escrupulosa attenção, com avidez até, o diagnostico e prognostico que formulavam.

Resultava do primeiro que a ferida da coxa, que poderia offerecer algum perigo, tinha melhorado em condições, em resultado da bayonetada

febril ou uma grande debilidade, podia ter-se como certa a cura.

Duas horas depois, durante as quaes o sargento se não levantou da cabeceira do enfermo, senão para lhe ministrar os remedios determinados pelos cirurgiões, foram estes de opinião que o ferido tinha entrado em uma reacção francea.

.....  
A victoria de Vad-Bas, alcançada pelas armas hespanholas, em 23 de março de 1860, juntava um florão mais á corôa de Castella, e dava sepultura gloriosa ao coronel D. Alberto de Baeza e ao commandante D. Luiz de Urbieta.

FIM

## ROSICLER

Resposta ao «Rosicler» do n.º 16

Um dos nossos assignantes enviou-nos a seguinte resposta à formosa quadra de Pinto Ribeiro, que publicámos no *Rosicler* do n.º 16.

Extinctos são esses vultões da lua,  
Ó Bella, ó Virgem seductora e calma.  
Se bem comparas... No gelado seio,  
Tens de granito: coração e alma.

E quando a lua vagueava errante,  
Contendo ardentes: «coração e alma»  
Dize: Teria o mesmo olhar dolente?...  
Teria a fronte merencoria e calma?...

EMPUSA.

## HORAS DE OCIO

## ENIGMAS

Enforcado! eis meu destino!  
Mas deveras me encavaca  
Passar o inverno despido.  
E o verão do sobre-casaca.

## PALAVRAS QUADRADAS

Abriga, segura e guarda,  
Ou afirma, ou diz que sim,  
Isto rogo ao meu mordomo  
Bem vae em mão de marfim.

GANDAREZ (Cantanhede).

O mesmo Gandarez nós pede que façamos aos nossos leitores a seguinte

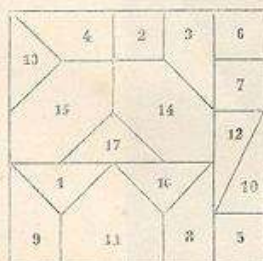
## PERGUNTA ETIMOLOGICA

As denominações de certas povoações vizinhas em que se encontra uma terminação semelhante, poderão concorrer para se angariar da procedência de seus habitantes primitivos?

As povoações de Coimbra existem pouco distantes umas das outras, ao norte do Mondego, as seguintes povoações: Antezede, Arazede, Cantanhede, Semeado e Moutele: esta terminação em *ede*, que me faz lembrar as odes dos romanos, tem-me feito pensar sem resultado na verdadeira significação d'estas palavras; tel-a-hão ellas, ou serão simplesmente um capricho da casualidade?

## Solução dos problemas do n.º 17

## PROBLEMA GEOMETRICO



## PALAVRAS QUADRADAS

C A M A  
A M O R  
M O N A  
A R A E

Logogripho.—Baio, Caio, Gaio, Laio... (o pai de Etipio),  
Maio, Paio, Raio, Saio

## Soluções certas

Problema graphic. — Gandarez (Cantanhede), Dominó

Branco (Setubal) (w), Francisco Augusto Nunes de Mattos (Almada), Vasco (Coimbra), Benedicta Barros (Setubal).

Palavras quadradas.—Manoel Antonio Coelho Zeilhão (Lisboa), Gandarez (Cantanhede), Vasco (Coimbra), Benedicta Barros (Setubal).

Logogripho.—Gandarez (Cantanhede).

Esqueceu-nos dizer no numero antecedente, que tambem não veio certa a solução do problema arithmetico, encontrada em menos de um quarto de hora, diz-nos um dos nossos assignantes, por uma criança de 12 annos. Folgamos que o nosso jornal proporcionasse a essa intelligente criança (portuense) um entretenimento util em que podesse exercitar as suas faculdades.

Aproveitamos a occasião para pedir desculpa a algumas pessoas que nos tenham enviado soluções dos nossos problemas, sem terem visto os seus nomes ou os seus pseudonymos na lista das soluções certas. Recebemos tantas cartas com relação a este assumpto, que é desculpavel alguma falta involuntaria agora no principio. Já tomámos todas as precauções para que essas faltas não tornem a ser possiveis. Se fosse um governo qualquer portuguez que fizesse isto já tinha montado uma secretaria, com dois primeiros officiaes, seis amanuenses e dez continuos. Nos, que não somos governo, limitamo-nos a organizar uma gaveta.

Tambem faremos uma pequena errata. A solução do primeiro proverbio, do «Proverbio dobrado», devia ler-se da seguinte forma:

Bens de sacristão cantando vem cantando vão

Effectivamente prevenimos os nossos leitores quando apresentamos o proverbio, que era necessario que se não escrevesse com um grande rigor orthographico; escrevendo-se *sacristão* fica o proverbio com uma letra a mais, e falta aos leitores o nome de terra d'onde a possam extrahir.

## SOBREMEZA

Santeuil foi um conego poeta do seculo XVII, pertencente a uma congregação regular. Mas elle é que não era muito regular nos seus habitos, e muitas vezes voltava a deshoras para o convento. O prior, para o corrigir, deu ordem para que se lhe não abrisse a porta, sempre que elle viesse depois das nove horas.

Uma noite succedeu o caso, e o porteiro teimou em não abrir a porta, até que Santeuil, depois de esgotar todos os recursos da sua eloquencia, empregou o argumento mais eloquente de todos: uma moeda de ouro.

Abriu-se a porta, e Santeuil entrou, despedindo a carroagem que o trouxera, mas, apenas chegou ao patamar, bate na testa, exclamando afflicto:

— Lá me esqueceu no trem o meu breviario!

O porteiro, querendo apanhar maior gorgeta, corre a chamar o trem, mas, apenas o vê na rua, Santeuil fecha-lhe a porta. O porteiro, supplica, insta, mas Santeuil replica-lhe:

— Depois das nove horas só se entra por um luz de ouro.

O pobre porteiro teve de esportular a moeda que acabava de receber, e Santeuil, reintegrado na posse do seu dinheiro, subia alegremente para o seu quarto.

— Um relógio bonito! Quanto te custou?

— Não sei. O relojoeiro estava a dormir.

— Escrevi um artigo originalissimo, sobre assumpto que ainda ninguem se lembrou de escrever, nem lembrará...

— Então já sei: é o teu elogio.

(\*) É uma das que nos enviou a solução que publicamos do problema graphic.

— Esta gente ou é muito descuidada, ou confia demasiado nas visitas; deixa aqui este cofre com a chave: se tem alguma coisa de valor, pode ás vezes...

— Não tem nada, que eu já fui ver.

— Que mulher infame!

— Tambem assim penso, mas como sou a sua melhor amiga, não quero dizer mal d'ella.

Na aldeã de... proximo de Barroso, o Joaquim da Costa, alfacinha convicto, que na vespera tinha alli chegado, resolveu ir barbear-se. E foi a casa de mestre Francisco.

Mestre Francisco sabe lidar com gente; não mede tudo pela mesma bitola; destingue as pessoas. Foi logo dentro buscar uma toalha bem lavada, de boa estopa, collocou-a delicadamente em volta do pescoço de Costa, e depois de ter dado um geitinho á manga da jaqueta, arregaçando-a, dá principio á operação, cuspiendo no sabão que vae levar á cara do freguez. Mas o freguez, o Joaquim, faz scena; dá na cadeira um pulo estrategico, de recuano, exclamando enfurecido e atonito:

— Faz-me isso, por eu não ser cá da terra?

Mestre Joaquim, risonho e doce:

— Sim, meu bom senhor, cá aos da terra cuspo-lhes na cara.

N'um restaurant.

— Rapaz, traga-me erros de orthographia...

O criado (com uma cara muito apavorada): Não ha!

— Então para que vem elles na conta?

— Nunca na minha vida dei os bons dias a pessoa alguma.

— Que má criação! Porque?

— Porque só me levanto á noite.

— Que lindo livro que são as *Mil e umas noites*, não é verdade?

— Muito bonito! mas tem algumas inverosimilhanças!

## ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

por

Victor Tisset e Constant Améro

(Continuado de pag. 143)

Ladislau acabou por adormecer na pequena carroça; Nadege ia a pé, ao lado do vehiculo, e o sr. Lafleur, engolfado n'um mundo de reflexões, que tinham tão pouco de floridas como de agradaveis, fechava a marcha, de cabeça baixa, trazendo sempre na algibeira do casaco a sua querida rebecca, que elle unia ao coração, como que para aquecel-a.

Ah! pobre Lafleur! Já não dava lições de dança! Elle que não era amator de impressões fortes, que tinha arranjado uma vidinha doce, socgada; elle que economisava todos os annos alguns milhares de rublos para ir o mais depressa possível plantar couves em Chateau-Thierry, ser obrigado a fugir como um criminoso, um assassino, por aquelles caminhos — ainda se houvesse caminhos! — durante a noite e perseguido pela policia!

Assassino! Lafleur perguntava a si proprio se o era...

Não tinha sido elle cumplice de Yegor? Na sua generosidade immoderada não tinha esposado a causa dos fugitivos? Não tinha suggerido a Yegor a idéa de precipitar em cima de Yermac aquelle enorme rochedo? O sr. Lafleur dizia á sua consciencia que não sabia o que estava fazendo... A sua posição excepcional, a bondade do seu coração feito para rasgos generosos e capaz d'elles, — por isso que preferia morrer a ser causa da prisão dos seus amigos — taes foram as causas que o levaram a ser caudilho e defensor de uma acção criminosa.

No seu cerebro agitavam-se todas as especies de pensamentos incoherentes. Por vezes queria retroceder e ir prestar soccorro a Yermac. Quem sabe? Talvez o chefe de policia ainda respirasse. Mas não seria isso entregar-se á justiça, acceitar inteira a responsabilidade de um crime? Não, não era possível! Então, apressando o passo, tornava a juntar-se aos companheiros, que lhe perguntavam: — O que ha? outras vezes: — Ouviu alguma cousa?

— Nada, respondia elle. Parecia-me ter ouvido uma voz...

Era a da consciencia, que lhe exprohava o seu procedimento.

Ao cabo de longas e crueis horas de caminho, os fugitivos encontraram-se com satisfação na sahida dos desfiladeiros. Os raios da lua coando-se pelos interstícios das arvores convertiam em columnas de prata os troncos lisos e luzidios das betulas.

Deixando o valle adormecido na sua invejável tranquillidade, atravessaram a garganta debaixo de um céu resplandecente de estrellas, como ha frequentemente n'aquella região, o que até certo ponto justifica a pretensão dos russos de S. Petersburgo, de que a Siberia é a sua Italia.

Os montes Verkhoianianos erguiam da direita e da esquerda as suas pyramides de pedra, sobre as quaes a neve recentemente cahida estendia-se como um manto de arminho.

Aos primeiros clarões da aurora, o bando fugitivo chegou a uma planicie magnificamente coberta de arvores, que offerecia um lugar favoravel para se esconderem e acamparem durante algumas semanas.

Era a floresta de Ostrovoy.

Dominando um precipicio, em cujo fundo desliza uma corrente, era esta planicie defendida ao norte e ao sul pelos poderosos contrafortes da cadeia de montanhas; a espessa floresta que a cobria n'uma extensão de seis kilometros pelo menos, tornava-a o centro de uma fortaleza inexpugnável.

Yegor, que lançara mão de uma pequena demora para explorar o recinto e estudar-lhe a posição sob o duplo aspecto da fuga e da defeza, reuniu conselho e emittiu a opinião de que o lugar era idoneo para permanecer n'elle durante o inverno, cuja approximação annunciava-se já por diferentes modos.

Em quanto ficavam acampados na floresta, o yakute Tekel iria a Zachiversk a pé, afim de obter dois trenós tirados por boas rennas, — agora eram precisos dois por causa do sr. Lafleur.

Os trenós eram indispensaveis para continuar a viagem no inverno, por cima dos pantanos solidificados e dos regatos nivelados pela neve, que cahia abundantissima n'aquellas regiões.

Tekel traria consigo um outro conductor de trenós, e logo em seguida partiriam para o paiz

dos Tchuktchas, submettidos á Russia em nome, não de facto, d'onde seria possível ir na primavera até o golfo de Anadir.

O sr. Lafleur não fez opposição; não perdia a esperança de que se lhe deparasse uma occasião de voltar para Yakutsk. Pois morto Yermac, d'onde lhe poderia vir damno? A testemunha unica do drama dos desfiladeiros dos montes Verkho-Yansk era Tekel, e esse era-lhe muito afeiçoado.

As arvores da floresta de Ostrovoy eram demasiadamente proximas umas das outras para que podesse penetrar n'ellas a pequena carroça. Também não era possível abandonal-a. Yegor, ajudado pelo yakute, desarmou-a, e as provisões, bem como as bagagens, foram transportadas a braço até ao lugar escolhido para acampamento. Carregaram-se os cavallos com as tendas e mantas, e com grande custo foram levados para o meio da floresta, onde em torno de um pequeno claro os troncos dos pinheiros muito cerrados formavam uma especie de estacada impenetravel.

Só quando se julgaram em lugar seguro, lembraram-se os fugitivos de que não tinham comido na véspera, tendo caminhado toda a noite. Estavam a morrer de fome. O yakute abateu alguns ramos seccos, acendeu lume, com o qual se preparou uma solida refeição, graças aos viveres trazidos de Yakutsk na carroça de Lafleur. Depois, sem perda de tempo, organisou-se o acampamento. Yegor, armado de um machado, principiou por plantar as estacas da cabana de Nadege. O pequeno Ladislau trazia os galhos, e Yegor entrelaçava-os e fortificava as paredes com relva e terra, á maneira das yurtes yakutes. Lafleur, sempre amavel e polido, dispoz uma grande quantidade de pelles, que deviam servir de cama a Nadege e a Ladislau.

Yegor e Lafleur construíram uma cabana para os dois, debaixo de um pinheiro colossal, que estendia os ramos copados como um tecto protector.

No dia seguinte, ao romper d'alva, Yegor deu as suas ordens ao yakute, e entregou-lhe um pequeno masso de dinheiro em papel, que trazia cautelosamente escondido no cano das botas des- de que partira de Kieff.

Tekel dirigiu-se para Zachiversk, levando consigo todas as esperanças dos fugitivos. Do seu regresso pendia o bom exito de uma evasão, que tantas difficuldades já apresentara.

Yegor acompanhou o indigena até as margens da corrente, que tinha cavado um leito tortuoso no fundo do valle por entre pedras e abrolhos; com o machado, que sempre trazia, assim como a espingarda e os dois revolvers, fez alguns entalhos nos choupos, que orlavam a corrente d'agua.

Por este signal, disse elle ao yakute, senta-te aqui e reconhecê-lo. Dentro de quinze dias a corrente deve estar gelada; chama, e nós te responderemos.

Dentro de quinze dias estarei aqui, respondeu Tekel simplesmente, e atravessando a corrente saltando de pedra em pedra, enviou com a mão um ultimo adeus a Yegor, e desapareceu debaixo do immenso tecto de arvores.

O deportado tomou do novo o caminho do acampamento, precedido pelo cão, que se divertia a bater o matto, agitando a cauda com ar satisfeito.

De repente o animal parou, como se tivesse

visto alguma cousa. Yegor parou também, e tomando o machado nas duas mãos, esperou immovel. Em torno d'elle não se ouvia o menor ruido.

O cão desaparecera em uma espessa montanha, e voltou passado pouco tempo ladrando como quem previne, e pela sua agitação, pelos movimentos da cabeça e da cauda parecia convidar o dono a segui-lo.

Este penetrou n'um profundo dedalo de abrolhos. Mais de uma vez teve de deitar-se e de andar de rastros para passar por baixo das montanhas de arando, que formavam abobadas negras de verdura, misturando e torcendo os ramos.

Chegou a um ponto, em que os juncos delgados e flexiveis descobriam a presença da agua. Era um charco alimentado por uma fonte, onde crescia grande copia deervas e plantas aquaticas.

O cão lançou-se para traz de uma espessa mata de roseiras bravas e groselheiras, que interceptava do lado direito a vista do charco, e ladrava. Em seguida ouviu-se uma voz humona.

Yegor tremou. Depois avançando cautelosamente, deu uma volta, e chegou, sempre escondido á borda do charco.

— Sr. Lafleur? Por aqui? exclamou elle reconhecendo o amigo e correndo a soccorrel-o.

O mestre de dança fazia esforços sobrehumanos, enterrado no lodo até á cintura, e agarrado a uma raiz para se não enterrar ainda mais.

— Yegor!... Ah! eu esperava-o... com philosophia e paciencia; é verdade, porque n'este paiz de cossacos e de lobos aprende-se a ter paciencia sem ler os livros de philosophia...

— Mas porque motivo veio parar aqui?

— Colhia ervas... De planta em planta cheguei como a borboleta até á borda d'este perfido charco... Quiz apanhar um galho d'esta morochka — *rubus chamomorus*, como chamamos em linguagem scientifica. Escorreguei, e ali está como também fiquei sendo um dos ornamentos d'este maldito pantano.

Yegor, cingindo com os dois braços o peito do sr. Lafleur conseguiu tiral-o da situação desagradavel em que se achava.

— E... os meus sapatos?... os meus chapins?... exclamou o mestre de dança ao ver-se sentado na herva sem os seus sapatos muito leves, — porque para desviar qualquer suspeita, Lafleur sahira de Yakutsk tendo calçado uns sapatinhos — como para um dos seus giros habituaes de musica, de commercio e de investigação de curiosidades naturaes.

— Meu caro sr. Lafleur, disse Yegor, é muito justo que paguesse ao charco um pequeno tributo; podia tel-o engolido, todo e deixou-o sahír quasi completo.

— Uns sapatos que mandei vir de Paris, da rua Richelieu, defronte do Theatro Francez!

— E naturalmente o unico par, que trazia.

— É verdade... o unico par de sapatos!... E que remedio tenho eu senão andar agora descalço por meio de espinhos e abrolhos, exclamou o sr. Lafleur com uma cara triste e admirada.

— Não, meu amigo, não, respondeu Yegor... Vae ver que a industria humana abriu lojas de sapateiro até nas solidões perdidas dos montes Verkhoianianos...

E, approximando-se de uma betulia, cortou-lhe da casca uns pedaços compridos, e fez com rara habilidade um par de sapatos chamados «laptis» de que usam os camponeses russos.

— Não são muito elegantes, confesso, disse Yegor entregando-os ao sr. Lafleur, e o meu amigo havia de se ver muito atrapalhado para dançar com elles uma siberiana; porém nós não vamos ao baile!

— Não vamos, não... não vamos ao baile! suspirou o sr. Lafleur olhando para os pés com ar de tristeza.

E poz-se o caminho com Yegor, que tinha pressa de chegar ao acampamento onde era esperado por Nadege e Ladislau.

## IX

«O esaul» (\*) de Nijni-Kolimsk (cidade situada na embocadura do Kolima sobre o mar Gla-

## CORRESPONDENCIA

A morte de um soldado. — É surpreendente esta poesia. Parece ter trinta annos de data. Vem escriptas n'aquellas decimas que estavam muito em voga n'esse tempo, e até a disposição das rimas era muito da predilecção de F. Palha e de Luiz Correia Caldeira, 1.º e 3.º versos, 2.º, 4.º, 7.º e 10.º, 5.º e 6.º, 8.º e 9.º. Enfim n'esse genero a poesia é aceitavel sobretudo para se recitar no theatro de Preixo de Espada à Clata, onde faria um effecto esta decima.

Esta frida aqui aberta  
Vae direita ao coração.  
Não são ancias que desperta,  
Saudades da patria são.  
Trago a morte n'esta frida  
Pela patria recebida.

Ao som dos canhões ribombar  
Morre o bravo militar,  
Tendo a mortalha por cabeceira  
E o chão por derradeira!!

Percebemos perfeitamente que na grave situação em que se achava o homem, não podesse cuidar muito nem das rimas, nem do metro, e que estivesse até já tão variado que fizesse cabeceira da mortalha, e que entendesse que para concordar com o adjectivo *derradeira* fossem sufficientes dois pontos de admiração, mas enfim quem está n'esses assados vai para o hospital de S. José, e não vem morrer para o *Jornal do Domingo*. Se o Tarquinio de F. Palha

No excesso da paixão fallou em prosa

O *bravo militar* das decimas tem plena auctorisação de morrer em prosa mal rimada, depois de ter principiado a ago-



OS JARDINS FLUCTUANTES DO MEXICO

cial e na fronteira do paiz dos Tchuktchas) era um official russo chamado Tumanoff, que, tendo uma filha e um filho pouco mais ou menos da idade de Nadege e Ladislau, mandou-os para casa de uns seus parentes em Yakutsk, a fim de receberem uma educação, impossivel de ser ministrada em Nijni-Kolimsk.

Eram ambos discipulos do sr. Lafleur, que de longe em longe dava uma lição de rebecca ao rapaz e uma lição de dança á irmã.

(Continua).

(\*) Este título corresponde ao de official entre os cossacos; é dado pelos habitantes aos altos funcionarios encarregados de manter a ordem nas estações.

Trago a morte d'esta vez  
Mas enfim morro contente  
Pois cai como um valente,  
Como cae um portuguez.

Esta decima tem o unico defeito de ser holorenta, e uma decima atrazada, e por esse lado entra mais na alçada do escrivan de fazenda do que na do *Jornal do Domingo*; mas em todo o caso tem um certo feitiço. Como havemos, pois, de conciliar estas decimas com umas phantasias orthographicas, que no original se notam, e sobretudo com esta decima final que destoa completamente de todas as outras?

Vou morrer, deixar o mundo,  
Já o meu corpo pede a terra,  
Por despedida quero beijar  
A cruz da espada partida.  
Que por ella fui vencido!  
Sinto já o corpo a desfallecer

nia em soffríveis versos de 1850. Mas vá morrer a outra parte, irmãozinho.

A Mulher (Guimarães) — Razoavelmente escripto, mas demasiadamente longo para as dimensões do nosso jornal. Depois o assumpto!... V. Ex.ª sabe lá a quantidade de volumes que se tem escripto acerca da «mulher». Nós confessamos ingenuamente: Quando vemos hoje, em 1881, um estudo philosophico a respeito da «mulher», achamos o caso tão massador que pensamos adiante. Por obrigação de officio lemos o grande artigo que nos remetteu, e achámo-lo bom; e os assignantes fariam o mesmo? Se fosse mais pequeno, ainda, ainda. Mas d'aquelle tamanho!

## DENUNCIANTE

Rogamos a todos os srs. assignantes, que mudarem de residencia, o obsequio de indicarem aos distribuidores as suas novas moradas.

A ADMINISTRAÇÃO

Lisboa—Typ. de Christovão A. Rodrigues, R. do Norte, 115, 1.º